

(SUB)VERSÕES DA MASCULINIDADE NO CONTO “E SE FOSSE?”, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Bruno Santos Melo

Universidade Estadual da Paraíba – bsantosletras@gmail.com

Resumo: Frente a um panorama brasileiro contemporâneo que ainda reverbera o eco das vozes cerceadas por valores patriarcais e machistas, eixos basilares da grande parte das sociedades, nota-se que modos de ser e viver são ditados por uma tradição opressora, de maneira a delinear-se os perfis sociais dos indivíduos enquanto sujeitos sociais. Assim, desde a mais tenra idade, a criança é induzida a se portar conforme os parâmetros imbuídos pela sociedade, compreendendo a família, a mídia, os amigos, enquanto aparelhos dispersadores de ideologias e reprodutores de discursos que emanam, muitas vezes, rotulações, preconceitos, tabus. No que concerne à figura do masculino, delinea-se uma representação de um sujeito viril, forte, racional, galanteador, que se imponha ao feminino enquanto um par dicotômico frente às suas caracterizações; porém, quando o homem não se vê representado mediante tais delineamentos, pode-se afirmar que há certa crise identitária, que se dá no conflito vivenciado entre aquilo que se quer ser e aquilo que se é forjado a ser. Desta maneira, o conto “*E se fosse?*”, da escritora paraibana Maria Valéria Rezende, problematiza a representação do ser homem frente ao não-enquadramento do personagem protagonista nos moldes construídos culturalmente para ele, tendo como desfecho da narrativa um elemento que põe em voga uma (sub)versão de sua masculinidade. Para subsidiar as discussões, recorrer-se-á às proposições de Butler (2016), no que tange à perspectiva performática do gênero, bem como a Donovan (2015), Cruz e Zica (2011), Nolasco (1993, 1995), afim de proporcionar uma abrangência acerca da temática em questão.

Palavras-chave: Masculinidade, gênero, Maria Valéria Rezende, narrativa.

INTRODUÇÃO

Frente a um panorama nacional que se alicerça sob bases ideológicas de cunho machista e patriarcal, é perceptível os múltiplos discursos que circunscrevem as vivências tanto do homem quanto da mulher, projetando para estes padrões muito bem delineados de como se deve viver, tendo como ponto de partida uma questão de gênero. Enquanto à figura feminina atribui-se traços mais sentimentais e emotivos, à figura masculina atribui-se traços de ordem racional, de forma a instaurar uma verdadeira dicotomia entre o ser homem e o ser mulher.

Desde a mais tenra idade o ser humano é guiado a se portar conforme as normatizações sociais prescrevem, tendo como fim o sexo do indivíduo. Assim, este molde imputado às crianças frente as induções, “vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angústias” (NOLASCO, 1993, p. 42). No entanto, no âmbito da

literatura contemporânea, tem-se problematizado e posto em voga estes valores, de modo a ressignificá-los, a fim de libertar os sujeitos das múltiplas amarras que os restringem a uma situação muitas vezes incômoda, que lhes causa mal-estar. Expõe-se, pois, temáticas que até então foram concebidas como “menores” ou mesmo “irrelevantes”, sobretudo às que concernem ao âmbito das diferenças.

A abordagem do gênero enquanto construção social (BUTLER, 2016) é uma perspectiva necessária no que diz respeito ao trato com as construções das subjetividades na contemporaneidade, sobretudo nas literaturas que não se configuram como canônicas, tendo em vista o viés político que estas abarcam, construindo, dessa maneira, um espaço para o questionamento de moldes vigentes há séculos de história, que privilegiam determinados grupos sociais. Conceber o gênero na perspectiva de um construto permeado por valores sociais é compreender que as mais diversas convenções (a que azul é cor de menino, por exemplo), são apenas convenções, e que nada dizem acerca do sujeito, sobretudo se ele não se sente representado pelas projeções que a sociedade o direciona.

Diante disto, as reflexões deste trabalho objetivam problematizar a representação social da masculinidade, que, como se sabe, ainda é permeada por prescrições e parâmetros sociais, que orientam desde a infância do homem que este adote para si características muitas vezes machistas, a fim de evidenciar-se enquanto um “verdadeiro homem”.

METODOLOGIA

O *corpus* elencado como ponto de discussão neste artigo é o conto “E se fosse?”, presente na antologia “A face serena”, da escritora paraibana Maria Valéria Rezende. Considera-se, pois, o texto literário contemporâneo enquanto um espaço que abrange as diferenças, bem como um encontro com a alteridade. Nesta feita, a abordagem adotada para a construção do texto é de natureza qualitativa e bibliográfica, quanto ao procedimento.

A fim de subsidiar teoricamente as reflexões, recorreu-se aos estudos de Nolasco (1995, 1993) acerca da construção dos ideais de masculinidade na sociedade; bem como às discussões de Butler (2016) no que concerne às performances de gênero. A fim de ilustrar os aspectos estéticos e temáticos da literatura contemporânea presentes no conto recorreu-se às contribuições de Arruda (2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto, em um primeiro momento, tem sua narração marcada por um entrelaçamento de vozes que simulam uma espécie de encontro familiar, as quais põem em discussão a masculinidade de Aldinho, o protagonista da narrativa. Percebe-se que há a ausência de aspas, travessões ou qualquer outro elemento que indique a alternância de vozes entre os personagens, elemento recorrente na produção literária contemporânea, conforme afirma Arruda (2012, p. 225), fazendo-se valer da reflexão de Simon (1999):

Luiz Carlos Simon (1999) comenta essas peculiaridades da ficção pós-moderna e diz que o conto possui três aspectos básicos: fragmentação, velocidade e intensidade. O primeiro se refere a frases desconexas, falta de linearidade e superposição de ideias, sempre escolhidas pelo contista a fim de gerar um efeito jamais conseguido se baseado na integridade e na sequência. Segundo o autor, essa escolha pelo fragmento é igualmente um reflexo da sociedade atual, em que a fragmentação, o caco é visível e fortemente presente. (ARRUDA, 2012, p. 225)

Percebe-se, portanto, que a escolha pela produção de uma narrativa marcada pela fragmentação e superposição de ideias não é uma escolha aleatória, mas permeada de significações. Observa-se esta ideia no conto em questão, ao passo que ao se misturarem à voz do narrador, essas outras vozes representam não apenas a família do menino, que põe em jogo a sua sexualidade, mas a reverberação das próprias vozes sociais, que incutam desde a infância os modos que um menino tem de se portar frente às mais diversas situações da vida, dentre elas, afirmar-se identitariamente a partir de convenções direcionadas à figura masculina, como força, virilidade, coragem.

Como observa-se no desenrolar da trama, Aldinho não era um menino como todos os outros, e isso causava incômodo em sua família, tanto que a primeira frase da narrativa é uma reprodução de um discurso que se enraizou socialmente no que diz respeito ao menino ou homem que não segue à risca as normatizações impostas para si:

Seja homem, Aldinho! Como é que pode ser medroso assim: Não é macho não? Acho até... Recomeça **esse falatório cada vez que ele se recusa a matar a barata, a escorraçar o pitbull do vizinho que rebenta a cerca e passa toda hora pro quintal de casa.** Só pode, olha os braços e as pernas dele, parece bambu, fino e amarelo. Deve ser... (REZENDE, 2018, p. 37) [grifos nossos]¹

¹ Os trechos em negrito, no decorrer do trabalho, se configuram como a fala do narrador.

Os trechos destacados em negritos correspondem à fala do narrador, que, além de narrar a história, também retrata os sentimentos do garoto frente a estas situações de constrangimento. Aldinho é um adolescente, que está passando por transformações tanto no corpo quanto na mente, portanto, vivencia um período de descobertas de si e do mundo que o cerca. Para ele, sua sexualidade estava muito bem definida, sentia atração por meninas: "Também não vai dizer pra ninguém as coisas que pensa quando olha pra Daniele e, pior ainda, quando chega a professora Bia com aquela saia curtinha e aquelas coxas..." (REZENDE, 2018, p. 37). Mesmo atraído por mulheres, isto não diminuía as ironias e sarcasmos que recaíam sobre o menino, pois não bastava apenas ser heterossexual, ele deveria expor isso, bem como aliar a este quesito a coragem, a força, a valentia, pois era inadmissível, para os familiares, que um adolescente não tivesse um corpo musculoso e tivesse medo de barata ou de um pitbull, pois para muitos homens "assumir riscos é uma forma dos machos socializarem." (DONOVAN, 2015, p. 27), em uma espécie de competição de força.

Sua mãe é uma das responsáveis por reafirmar o discurso machista que os rodeia: "**Mas eles continuam**, não sei o que foi que eu fiz pra merecer um filho assim, o pai era macho, isso eu garanto." (REZENDE, 2018, p. 37). Chegando ao ponto de questionar-se acerca do motivo que a fez ter um filho assim, comparando-o à figura paterna, pode-se reafirmar o quanto as relações familiares tendem a suprimir e moldar o sujeito a partir de um ideal pré-estabelecido para o homem e para a mulher, de modo que

"Um menino cresce alimentando-se de múltiplas ilusões de força e senhorilidade para dar demonstrações de coragem diante da vida sem jamais poder expressar o temor de vivê-la pela grandiosidade que ela comporta se comparada à onipotência humana." (NOLASCO, 1993, p. 29).

Dessa maneira, colocar a vida em risco em prol da afirmação da masculinidade se configura enquanto uma ação esperada, sem levar em consideração as dimensões subjetivas do indivíduo que, assim como qualquer ser humano, independente do gênero, tem seus medos. Aldinho não quis arriscar machucar-se quando optou por ignorar o cachorro que passava para o quintal, preservando, assim, sua integridade, no entanto, isso é visto por seus parentes como um ato covarde, que não é típico de um homem.

Devido aos medos que demonstrou a sua família, logo espalham-se diversas histórias de Aldinho na rua, no bairro e até na escola, o que ocasiona-lhe ser alvo de *Bullying* por parte dos estudantes, bem como motivo de piadas aonde quer que fosse:

Ele não tem dúvida de que é macho, só tem é horror de bicho de qualquer tipo. O que isso tem a ver com gostar de mulher ou não, com ser macho ou não? E se não fosse? Dá-lhe raiva o desprezo e a perseguição. Ultimamente anda crescendo dentro dele uma raiva de todo o mundo, geral, uma revolta, uma vontade de fazer com os outros o que não consegue fazer com os bichos. (REZENDE, 2018, p.38)

O menino passa a ser excluído das rodas de amigos, a sofrer agressões físicas e verbais, até mesmo ser deixado de lado no futebol, pelo professor de Educação Física. Tudo isso corrobora para que cresça o sentimento de ódio, ao ponto de cogitar a hipótese de fazer com estes que o oprimem aquilo que ele não tem coragem de fazer com os animais. E, embora tenha se espalhado os boatos que questionavam a sua sexualidade, Aldinho não entende o porquê de tudo isto, afinal, “ele não tem dúvida de que é macho”, só não gosta de bicho. Isso anula dele a condição de homem? Como afirma Nolasco (1993, p. 42), "O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: "Isto é brinquedo de menina", "menino não chora", [...] "você é um medroso, parece mulher", de modo que mais uma vez afirma-se as dicotomias entre o masculino e o feminino, dentre as quais a coragem é uma qualidade indispensável para a constituição da identidade tida como masculina.

Com o passar do tempo a raiva de Aldinho só crescia, de modo a forjá-lo a procurar meios para que pudesse pôr um fim em toda aquela situação de ridicularização pela qual vinha passando pelo simples fato de ter medo de bichos. O meio que o garoto encontra para desvencilhar-se desta situação é procurar Cascão, um personagem apresentado como um aluno problemático, que já havia sido expulso da escola, que ficava sempre do lado de fora da instituição, cercado por garotas. No dia que é procurado por Aldinho estava sozinho:

Aldinho fala o mais grosso que pode: E aí, cara, eu queria trocar uma ideia com você, pode ser? **O outro olha-o de cima a baixo, de baixo a cima com um risinho maroto no canto da boca.** Que é que há, vai virar usuário também? Estamos aqui pra isso mesmo! **Aldinho já vinha preparado e nem hesitou,** usuário nada, eu quero é trabalhar com a sua galera. (REZENDE, 2018, p.38 – 39)

O meio alternativo encontrado pelo garoto seria incluir-se em um grupo de garotos, para que a desconfiança acerca de sua sexualidade fosse desmistificada, ainda que precisasse se submeter às vontades dos garotos que compunham aquele grupo. Cascão olha para Aldinho descrente, e ri diante da situação. Afirma que para que ele pudesse fazer parte do grupo teria de ser aprovado pelo chefe, como todos os outros foram. Fica acordado que o garoto vai precisar falar com o patrão, em frente ao cemitério, às quatro e meia da madrugada: “Aldinho vai buscar toda a sua raiva no fundo do peito, vou ter que ir, senão estou perdido de vez, que ele vai dizer a todo o mundo que não tive peito pra encarar nem o cemitério.” (REZENDE, 2018, p. 39).

A força que o move é a raiva, o sentimento acumulado sobre si pelo fato de não ter as condutas que esperam dele. Dessa maneira, ao se dispor em pôr um fim a esta situação e ser reconhecido e respeitado por sua família e principalmente pelos outros garotos da escola, ele atribui para si este caminho como o único para provar de vez que é macho. Embora tivesse medo de sair, e até repensasse em ir ou não ao cemitério, enche-se de coragem e vai, afinal, sua “masculinidade” estava em jogo, pois a “agressividade, determinação, exercício da posse e do poder” (NOLASCO, 1995, p. 15) são características constituintes da “personalidade masculina”.

Esperando no portão do cemitério durante horas, e já pronto para ir-se embora,

Dá um pulo ao sentir o toque no ombro, quase se desequilibra, mas consegue se virar e encarar um sujeito enorme, incrivelmente silencioso, que lhe faz sinal para segui-lo. Se isso é o moleque de recados, quem será o patrão?” (REZENDE, 2018, p. 40)

Enfim chegara sua oportunidade para provar de uma vez por toda sua masculinidade para aqueles que duvidaram. Um dos garotos do grupo o leva até o patrão, até certo ponto onde aglomeram-se ao redor dele todos os meninos restantes do grupo, quando, de repente

A figura que ele não sabe se é ele ou ela, caminha sinuosamente, como modelo em passarela, as calças brancas justíssimas nas coxas finas, abrindo-se a partir dos joelhos, quase como uma saia, a camiseta também branca deixa ver os ossos do peito e dos ombros descarnados, na cara imberbe destacam-se as sobrancelhas feitas a pinça e pincel. A figura sacode para trás longos cabelos amarelos, alisados à chapinha, e diz, com um sorriso e um gesto safados e voz surpreendentemente grossa: então, boneca, vai encarar? (REZENDE, 2018, p. 41)

A representação da figura do patrão é um tanto diferente daquela que esperava Aldinho. A narrativa apresenta uma figura a qual não se é capaz de delimitar seu gênero, dando margem para duas possíveis interpretações: a possibilidade de ser uma menina ou então a chance de ser uma travesti. É válido trazer à tona o fato de para que os garotos pudessem fazer parte do grupo, eles deveriam ser “aprovados pelo patrão”, assim, é possível questionar-se os limites em que um homem se impõe a fim de demarcar a sua masculinidade. A figura vai até Aldinho com “um sorriso e um gesto safados e voz surpreendentemente grossa: então, boneca, vai encarar?” (REZENDE, 2018, p. 41), o que corrobora ainda mais para a ambivalência na qual se constrói sua identidade.

Aldinho, por sua vez, frente ao patrão e na necessidade de afirmar-se perante os outros como homem, “[...] estufa o peito, levanta a cabeça, a testosterona instigando-lhe a valentia, encara o mundo e firma de vez sua macheza.” (Rezende, 2018, p. 41). Cruz e Zica (2001, p. 40) afirma que

Durante toda a vida o sujeito irá se debater entre, de um lado, os modelos prescritivos de gênero, sempre idealizados e circunscritos a cada período e lugar específicos, e, de outro, sua condição de falta de adequação a qualquer uma dessas prescrições devido, simplesmente, à condição irredutível de sua individualidade que é sempre, em algum ponto, singular. (CRUZ E ZICA, 2001, p. 40)

Evidencia-se, na narrativa que Aldinho vivencia um conflito que se instaura a partir de uma tensão entre aquilo que se quer viver e aquilo que se espera que viva. No que concerne ao gênero, na perspectiva binária (BUTLER, 2016), que projeta prescrições ao sujeito, acaba por reduzi-lo e esmaecer as suas individualidades, não considerando que a subjetividade se constrói a partir da alteridade, e com o reconhecimento ou não com o que é imputado para si.

CONCLUSÕES

Questionado acerca de sua sexualidade pelo simples fato de ter medo de bichos, o protagonista Aldinho recorre a uma alternativa a fim de mostrar sua “macheza”, embora isto já estivesse muito bem afirmado para si. Assim, é perceptível que no âmbito das relações sociais o indivíduo vivencia um constante conflito, que se dá a partir dos movimentos que este empreende a fim de emancipar-se. Traz-se majoritariamente na literatura contemporânea estas problemáticas como eixos centrais das prosas e poesias produzidas nos últimos anos, que ressignificam estes modos de enxergar o mundo ditados por uma classe dominante que traça para o outro uma identidade, a fim de homogeneizar determinados grupos.

Compreender que embora a sociedade tenha avançado consideravelmente nos últimos anos, mas que ainda ecoa discursos de ódio contra todos aqueles que não se contentam com os moldes delineados, é essencial, pois significa não se satisfazer com a enunciação de si pelo olhar do outro, como aconteceu na literatura durante séculos. Resistir contra às imposições sociais e demonstrar a potencialidade destas produções faz da literatura brasileira contemporânea um verdadeiro espaço de veiculação de denúncias, de reivindicações, de afirmações de subjetividades.

Na produção prosaica de Maria Valéria Rezende, tais ideais são marcas de sua literatura. O protagonismo é dado aos que foram marginalizados por uma cultura que preza o “macho, branco e hétero” (DALCASTAGNE, 2012), de modo a perceber que as prostitutas, as freiras, as professoras, as donas de casa, são as produtoras e veiculadoras de seus próprios discursos. Os contrastes de classe, gênero e raça também são postulados, a fim de demonstrar a grandeza que foi, durante muito tempo, subalternizada por aqueles que temiam a descentralização do poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Estação Literária**, Londrina, v. 9, n. 1, p.220-237, jun. 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CRUZ E ZICA, Matheus da. **Diversificação dos modos de ser masculino e estatização da violência masculina na escrita literária e jornalística de Bernardo Guimarães (1869-1872)**. 2011. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DALCASTAGNE, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2012

DONOVAN, Jack. **O código dos homens**. Tradutor: Luiz Otávio Talu. São Paulo: Editora Simonsen, 2015

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, Sócrates (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

REZENDE, Maria Valéria. **A face serena**. Guaratinguetá: Penalux, 2018.

